

O GOZO DA INTERPRETAÇÃO: UM ENSAIO SOBRE A CRÍTICA PSICANALÍTICA DA OBRA LITERÁRIA

(The joy of the interpretation, an analysis on the psychoanalytical critique of the literary composition)

Leonardo Pinto de Almeida & **Raul Marcel Filgueiras Atallah**
Doutor em Psicologia (PUC-RJ) Mestre em Psicologia (UFF)
Pós-Doc PUC-RJ

RESUMO: Analisamos a dinâmica do método interpretativo psicanalítico e seu uso indiferenciado nas obras literárias. Este artigo objetiva assim examinar o papel da interpretação psicanalítica da literatura, observando suas vicissitudes e sua relação com o poder e a experiência literária. Partindo da suposta paridade entre a vida psíquica analisada no setting analítico e o mundo imaginário observado nas obras de artes, Freud deslocou seu método interpretativo para as obras artísticas afirmando que nelas existiria um texto decifrável por decomposição simbólica. Com Foucault e Deleuze, apontamos a relação entre este método interpretativo e o poder, mostrando seu caráter redutor. Concluímos, no entanto, que a interpretação psicanalítica não é boa nem má, e que o problema real ocorre quando ela impulsiona um uso hegemônico da obra.

PALAVRAS-CHAVES: psicanálise, interpretação, literatura.

ABSTRACT: We analyzed the dynamics of the psychoanalytical method of interpretation and its use indifferenced in the literary compositions. This paper aims to examine the role of the psychoanalytical interpretation of literature, observing its vicissitudes and its relation with the power and the literary experience. Leaving of the supposed parity with the psychic life analyzed in the setting analytical and the imaginary world observed in the works of art, Freud dislocated its method of interpretation for the artistic workmanships affirming that would exist a decipherable text for symbolic decomposition. With Foucault and Deleuze, we pointed the relation between this method of interpretation and the power, showing its reducing character. We conclude, however, that the psychoanalytical interpretation is not good nor bad, and that the real problem occurs when it stimulates a hegemonic use of the workmanship.

KEYWORDS: psychoanalysis, interpretation, literature.

Introdução

Quando Freud (1987a) estabeleceu os parâmetros iniciais da psicanálise com *A interpretação dos sonhos*, mal sabia ele que estava proporcionando ao universo do pensamento uma verdadeira revolução. Sua fundamentação teórica desfoqueu o Eu do centro do psiquismo, construindo a pedra angular da teoria psicanalítica sob a égide do conceito fundamental do inconsciente. Para lidar com a força misteriosa do inconsciente, Freud construiu sua teoria e sua prática correspondente sob o alicerce sustentado pela interpretação.

Ao interpretar as manifestações discursivas de seus pacientes, Freud lançava-se em um terreno inóspito e obscuro. Seu esforço em tentar entender o que estava por trás dos ditos de seus pacientes nos forneceu uma gama considerável de explicações teóricas sobre os

fundamentos e as origens das expressões humanas, sejam elas artísticas, filosóficas ou neuróticas.

No entanto, como toda revolução tem seus problemas, a teoria psicanalítica estabeleceu com seu sistema explicativo um modelo estático e bem amarrado para o funcionamento de todas as manifestações do pensamento humano. A consequência desse fato é sensível quando vemos a teoria funcionar como base de entendimento para as obras literárias. Aqui a interpretação psicanalítica utiliza os pressupostos teóricos nascidos na clínica para explicitar as origens da expressão intelectual ali manifesta, fazendo da obra algo misterioso e obscuro, produto do inconsciente de um autor e, portanto, passível de interpretação psicanalítica.

Nosso objetivo com o presente artigo é o de analisar o papel da interpretação psicanalítica da literatura, observando suas vicissitudes e sua relação com o poder e a experiência literária.

Para colocarmos melhor o problema, faremos um recorte sobre os postulados de Freud sobre a expressão literária e as consequências destes na dinâmica traçada entre a interpretação psicanalítica, o poder e a literatura, para assim compreendermos a dominação da literatura exercida pela interpretação e seu gozo correspondente e, também o papel de resistência da literatura em relação a este próprio gozo.

A Psicanalização da Obra Literária

As obras de arte sempre foram para Freud um objeto de atenção profunda. Desde cedo, na construção teórica de sua obra, utilizou muitas vezes de interpretações para descrever as razões de textos literários e obras artísticas em geral, achando parentesco entre a dinâmica da vida psíquica explicada pela psicanálise e o mundo imaginário representado na obra de arte.

Tanto os mitos, os contos de fadas, a literatura e as artes em geral, dentro da visão psicanalítica, são obras semelhantes às produções simbólicas dos sonhos e da vida psíquica em geral. Sendo assim, ao analisar os processos mentais envolvidos na produção artística, Freud (1987a) faz uso de seu aparato teórico para explicar a motivação artística e como ela representa um espelho refletido do aparelho psíquico, seja normal ou patológico, dos processos mentais inconscientes.

A obra de arte para a psicanálise é uma manifestação do inconsciente do autor, sendo passível de decodificação através das mesmas operações associativas feitas no consultório clínico. Desta forma, sua teoria mostra o desejo e toda a motivação comportamental da arte como algo codificado por uma linguagem obscura e transcendente, gerada por operações universais do aparelho psíquico. Este funcionamento das fantasias inconscientes, determinante da vida mental, se refletirá na expressão artística da mesma forma como é expressa em outras formas de linguagem humana. Ou seja, já que a psicanálise achou determinados grupos de universais e de formas fixas no funcionamento psíquico, esse mesmo funcionamento poderia ser usado para explicar outras manifestações dos conteúdos semióticos da linguagem. Uma obra literária, por exemplo, com o advento da teoria psicanalítica, passa a ser passível de sofrer descompressões e rearranjos de sentido, assim como se faz nos sonhos, nos chistes e na fala dirigida ao analista.

Esse enxugamento e determinação do sentido da obra literária foi operado pela psicanálise em suas tentativas de explicar o conteúdo latente de uma obra por sua teoria.

Mesmo quando não reduzia a obra a uma biografia autoral explicativa, passou a transformar o texto da obra através de significações infladas de sentido, apaziguando a angústia que o não sentido (ou as multiplicidades de sentido) poderiam estar provocando.

Em *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1987a) deduz com sua teoria a existência de um pré-texto por trás das representações mentais manifestas pelo sonho ou pela linguagem, que seria a manifestação de um desejo inconsciente. Da mesma forma, uma obra literária, por exemplo, seria a representação escrita de uma subjetividade autoral capaz de produzir um texto que possui em si significantes capazes de simbolizar a vida mental do autor e das forças semióticas ao qual está inserido. Essa subjetividade autoral, para a psicanálise clássica freudiana, nos remeteria a pensar determinada obra literária como uma produção capaz de dizer sobre a história dos investimentos libidinais de seu autor e de mostrar a história da constituição das fantasias que compõem sua subjetividade.

Ainda neste importante livro de sua obra, Freud demonstra a influência desta história quando desenvolve a idéia de que o complexo de Édipo seria um universal capaz de produzir desejo e subjetividade, e estaria representado em diversas produções simbólicas da humanidade. Tanto nas lendas, como nas artes e na literatura, o desejo representado pelo mito de Édipo apareceria, e mesmo não tendo as mesmas motivações que nas neuroses e nos sonhos, estaria presente como uma amarragem simbólica de toda a estrutura psíquica. Essa estrutura edípiana seria capaz de fundar formas estáticas de subjetividade referidas a uma unidade simbólica primordial, da qual partiria toda história de vida psíquica de um sujeito. Por isso, as análises das obras literárias, através da psicanálise freudiana, tenderiam a reter e a unificar a interpretação da obra pelo uso de padrões fixos de interpretação, capazes de sugerir explicações e diminuir o seu campo de experimentação.

Podemos perceber isso, em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*, a obra em que Freud (1987b) utiliza abertamente a psicanálise como ferramenta para explicar a vontade do autor e o material simbólico da obra. Aqui ele emprega toda capacidade interpretativa da psicanálise para demonstrar que existiriam, em diversas narrativas de sucesso literário, conflitos e desejos comuns a todos os homens, que os fariam entender, se envolver e se emocionar com a história contada, devido à realização de uma ancoragem simbólica. Ao ler uma obra literária, por exemplo, um indivíduo se reconectaria a um passado ideativo comum, que seria tanto referente a conteúdos simbólicos perenes dentro da história da humanidade, como também a sua própria história pessoal vista e repetida na obra de arte.

Partindo do pressuposto que uma obra literária é um texto produzido com material simbólico que se repete por contigüidade significativa a um material inconsciente, passamos a supor ser essa produção um signo de outro texto decifrável por decomposição simbólica. Ao interpretar uma obra literária, por exemplo, a psicanálise sustenta a existência de outro texto latente capaz de dizer mais do que aparentemente diz. Considera-se assim uma expressão artística algo sempre cifrado, possuidor de toda uma vida transcendente a sua apresentação imediata capaz de estabelecer profundidades ao signo apresentado, ao passo que a interpretação torna-se possível pelos pressupostos teóricos da psicanálise.

Desta forma o texto literário, ou qualquer obra de arte, seria analisado como um sintoma do autor, um material simbólico representacional do funcionamento do aparelho psíquico. Para a psicanálise, uma obra de arte é o produto das fantasias mnêmicas de um autor. Quando um autor escreve um conto, por exemplo, está trazendo algo de sua história psíquica, de traços de seu passado recalado na memória, signos fantasmáticos evocados para doar o simbolismo necessário ao corpo do texto. Estudar o funcionamento psíquico do autor passa a

ser fundamental para entender uma obra de arte, o caminho a ser seguido para uma crítica literária eficaz é, partindo deste pressuposto, reconstruir a história individual do autor, descrever e analisar o processo de constituição subjetiva do autor, ou a história de seus investimentos libidinais para chegarmos a uma explicação plausível para descrever os motivos e os simbolismos de uma obra literária.

O universo lingüístico produto de uma obra literária passa, a partir da psicanálise, a ser entendido não só como o produto do universo simbólico do autor, mas também como um subproduto de sua história individual, da história constitutiva de sua subjetividade, focalizando no indivíduo que produziu um livro ou uma obra, a questão literária.

Todavia, sabemos que a questão é mais complexa. Ao analisarmos uma obra literária sob uma perspectiva individualizante e sempre referida a um autor, fazemos sempre um recorte das suas possibilidades interpretativas, e nos desviamos de maneira surpreendente do que talvez seja o que mais nos interessa em uma obra literária: a sua capacidade de nos afetar mediante à experiência de sua escrita ou de sua leitura.

A Interpretação e o Poder na Trama Discursiva

Na prática da interpretação de uma obra de arte, existe uma dinâmica obscura de poder exercido pelas tramas da linguagem. A interpretação amarra elementos díspares sob a ótica segura de um porto. Ela nos dá elementos de entendimento para a expressão artística, dando sentido e organizando uma obra aos moldes de um discurso maior, capaz de emprestar inteligibilidade associativa às manifestações intelectivas estranhas ao senso comum. Por conta disso, uma produção semiótica como a interpretação psicanalítica nos lança em um campo onde a produção de entendimento é, além de uma forma de apaziguar o estranho, uma forma de poder sobre a experiência produzida no encontro com a obra de arte literária.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (1996) esclarece de forma sucinta este dinamismo do discurso e sua relação com o poder. A interpretação de uma obra literária, como vemos acontecer em uma crítica baseada na interpretação psicanalítica, impõe um sistema de regras às leituras futuras capazes de inscrever a arte em um sistema racional e universalizador. É nesse momento que percebemos um jogo de verdades dentro da semiologia psicanalítica que acaba por dar inteligibilidade a uma obra através de um sistema de exclusão que interdita a experiência singular do ler. O saber do especialista rarefaz as possibilidades ínfimas de interpretações de um texto e, por conseguinte, sua forma de experienciá-lo.

Esta sistematização amarra a experiência em camisas-de-forças compostas por conceitos estáticos que não absorvem o dinamismo que a literatura proporciona. Sistematização, universalização e racionalização são nomes dados às diversas capturas discursivas – que são contra-vestidas às possibilidades abertas pelos vetores de criação do espaço literário – que participam das práticas de inventariação interpretativa. Poderíamos aqui assinalar com Nietzsche que “a valorização da autoridade cresce na proporção da diminuição das forças criativas” (NIETZSCHE 2004, p. 229) A autoridade se manifesta e solapa os vetores criativos, assim sendo, a interpretação estaria mais do lado da autoridade e do poder do que do lado da criação, mesmo dependendo para o seu surgimento de uma verve criativa. O problema com a interpretação não é seu surgimento, mas o seu enraizamento nas searas do discurso pelo seu viés mais rígido: o seu poder de direcionamento e coerção.

A literatura, sendo um elemento de nosso universo da linguagem, também sofreu desde seus primórdios de interpretações, ou ainda de leituras que visavam impor ou emprestar um saber às leituras futuras. Essas interpretações visavam em primeira vista, descortinar os mistérios de uma obra literária, de dar visibilidade ao obscuro da obra. Ao enfrentar essa obscuridade, ao tentar tornar visível o que estava por trás do discurso literário, a interpretação muitas vezes foi capaz de tomar de uma obra literária sua essência criativa, reduzindo-a e mascarando diversas forças que a compõe.

Em *A ordem dos livros*, Chartier (1999) – como Foucault – demonstra como a literatura e os livros em geral recebem uma ordenação, uma organização particular, no universo discursivo, havendo inúmeros fatores que impõem ordens, servindo para sua instrumentalização a partir de mecanismos de poder. Neste livro do historiador francês, ele analisa três modos de ser discursivos que servem para esta ordenação: a comunidade de leitores, a figura do autor e a catalogação dos textos. Em relação ao primeiro, as ordenações se dão a partir de comunidades de interpretação associadas a leitores, que se reconhecem como leitores, e que têm um modo de ler semelhante; o segundo está associado a toda uma história da ordenação discursiva ligada às explicações biográficas, psicológicas, intencionais, que visam explicar a obra pela vida do seu autor; e o terceiro é referente a ordenação dos livros a partir de catálogos, que os classifica e os coloca em conjuntos de saberes próximos para facilitar e melhor direcionar a leitura subsequente.

O livro sempre visou instaurar uma ordem: fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação. Todavia, essa ordem de múltiplas fisionomias não obteve a onipotência de anular a liberdade dos leitores. (CHARTIER 1999, p. 8)

Como em Chartier, veremos, com Deleuze, Guattari e outros pensadores, a problemática do discurso e da linguagem sendo trabalhada de forma a apontar um questionamento ostensivo sobre o papel da interpretação direcionada à literatura. Nestes pensadores, vemos como a interpretação petrifica a linguagem em ilhotas de definição, de referenciação e de compreensão, para melhor dominar a literatura, ou melhor, controlar suas apreensões. Eles apontam uma contraposição entre a experiência literária singular e a interpretação ou os mecanismos de incrustações interpretativas no domínio e no controle da obra literária.

Tanto Deleuze (2000) quanto Eagleton (1997) apontam a psicanálise como uma teoria que potencialmente libertaria a obra destas incrustações ligadas à dinâmica do poder imposta pela seriedade crítica ao vislumbrar o desejo como motor da arte.

Não estamos querendo sugerir que só a psicanálise pode oferecer a chave para os problemas do valor e do prazer literários. Gostamos ou não de certos trechos de linguagem não só devido ao jogo inconsciente dos impulsos que nos provocam, mas também devido a certos compromissos e predileções conscientes. Há uma interação complexa dessas duas regiões que deve ser demonstrada no exame detalhado de um texto literário. Os problemas de valor e prazer literário parecem situar-se no ponto em que se juntam a psicanálise, a lingüística e a ideologia, aspecto esse ainda pouco investigado. (EAGLETON 1997, p. 265)

Kundera, em *Les Testaments Trabis* (1993), estabelece a relação intrínseca entre o humor e o surgimento da literatura. A literatura não serviria para o poder e sim para colocar nossas convicções em questão, através do questionamento plural, manifesto nos livros, mediante as discussões entre seus personagens. Ela então não estaria do lado da seriedade intelectual, mas de jogos lúdicos que colocam as verdades em jogo através da dinâmica do prazer aberto pelo seu contato. A esperança de Eagleton em relação à psicanálise estaria ligada à questão do prazer, já que a psicanálise aponta para a importância do prazer nas manifestações humanas. Uma de suas denúncias à crítica literária explora o esquecimento do prazer do ler e a reificação da seriedade interpretativa. Daí, a promessa psicanalítica para este autor.

Todavia, ele mesmo – e também Deleuze (2000), em sua análise da Alice de Carroll – mostra que esta possibilidade se encontra apenas em potência na teoria, já que não se demonstra na prática dos analistas tão apaixonadamente atrelados à metapsicologia freudiana e às suas derivações mais modernas. Eles insistem em querer usar sua teoria para compreender toda a vida humana seja ela em seu âmbito social ou individual através de conceitos que a reduzem e assim destroem sua potencialidade criativa. A psicanálise deveria potencializar a arte e não reduzi-la, mas como fazer tal tarefa de árdua investida?

Em *Teoria da literatura: uma introdução*, Eagleton (1997) afirma que a crítica psicanalítica em relação à literatura se apresenta em quatro possibilidades. Ela compreende a obra literária a partir do *autor da obra*, do *seu conteúdo*, da *sua construção formal* ou do *seu leitor correspondente*. No entanto, as duas primeiras formas são justamente as mais freqüentes, mostrando-se normalmente como posturas reducionistas de seu objeto de estudo, ora buscando entender a literatura a partir da intenção inconsciente do autor no ato da escrita, ora analisando o texto propriamente dito segundo as categorias freudianas, estabelecidas pela metapsicologia psicanalítica.

A psicanálise, em suas investidas interpretativas mais comuns em relação às obras literárias, se associaria à mitologia que gira em torno do nome do autor. Em sua preocupação interpretativa, vemos aparecer em demasia a referência ao autor da obra, à sua biografia. A interpretação, dada desta forma, postula que a vida do autor, sua história pessoal e a constituição de suas relações afetivas, seriam de fundamental importância para a constituição subjetiva de sua obra. Além disso, com a interpretação psicanalítica não só há uma valorização do autor como do próprio crítico – no caso, o analista – que baseados em seus pressupostos teóricos fixos, emprestam sentido à experiência literária.

Ao apontar a trama discursiva da obra pelo seu negativo, a neurose do autor, a teoria psicanalítica impossibilita o entendimento da multiplicidade da obra, dos diversos universos discursivos que a perpassam, e que estão para além das oposições dicotômicas entre autor/sua neurose e autor/sua obra. Podemos afirmar deste modo, que a obra literária possui a dimensão criativa de inventar conceitos, de inventar mundos e subjetividades que necessariamente escapam ao autor de sua obra. Então escrever literatura é sempre um ato onde diversas dimensões subjetivas estão envolvidas, não excluindo obviamente, que uma dessas dimensões está ligada ao processo de constituição histórica e subjetiva do autor. Só ressaltaremos que essa dimensão é uma delas e não é obviamente a mais importante.

O crítico literário psicanalista, ao ignorar boa parte da experiência literária em nome das afirmações interpretativas baseadas em conceitos rígidos, opera a interpretação da obra por redução de conceitos. Mas como podemos afirmar que a atividade crítica da psicanálise em relação a uma obra literária se caracterizaria como reducionista?

Esta pergunta nos remete à hegemonia que a psicanálise tomou nos tempos modernos e na cristalização e na reificação de seus conceitos para usos abusivos da interpretação fora do *setting* analítico. O uso externo ao *setting* analítico dos seus conceitos sempre foi problemático para a psicanálise. No caso da crítica literária não é diferente, os usos externos do método analítico nos remete ao gozo interpretativo dos psicanalistas. Um gosto excessivo pelo poder que o saber cristalizado proporciona.

Em *Qu'est-ce que la littérature?*, Sartre apresenta este prazer contido no ato da interpretação da seguinte forma:

Se somos versados um pouco em psicanálise, nosso prazer é perfeito: nós explicaremos *Le Contrat social* pelo complexo de Édipo e *L'Esprit des lois* pelo complexo de inferioridade; isto é, nós gozaremos plenamente da superioridade reconhecida que os cães vivos têm sobre os leões mortos. (SARTRE 1948, p. 36)

Assim, Sartre critica o uso abusivo de categorias pré-estabelecidas para analisar a literatura, apontando o quanto tem de redutor a prática interpretativa exercida deste modo. A explicação da obra por elementos conceituais totalmente estranhos a ela, visa domar o acontecimento da experiência literária. Limitar a proliferação de sentido fundamental, contida na experiência, através de uma melhor leitura, ou uma leitura que recebe sua certificação e seriedade do caráter científico da interpretação, no caso, psicanalítica. Este seria justamente um dos indicativos desta superioridade intelectual observável no gozo da interpretação denunciado por Sartre, neste trecho de sua obra de 1948.

Outro autor que analisa o papel reacionário da interpretação é Sontag (1987). Em *Contra a interpretação*, ela mostra como a interpretação está atrelada nos dias de hoje a uma vontade de verdade que diseca a obra de forma cirúrgica despotencializando assim a experiência propriamente dita. Ela aponta que a interpretação e a crítica asfixiam a experiência em sua potência criativa, já que se apresentam de forma reacionária em nome de um poder. Interpretar é domar o desconhecido para torná-lo familiar, já dizia Nietzsche em um de seus questionamentos mais revolucionários, que atravessam toda sua obra, como por exemplo em *Fragments Finais* (2002).

É curioso observarmos Nietzsche em sua problematização sobre a relação entre o poder e o conhecimento, outra reflexão muito recorrente em sua obra. Podemos afirmar de antemão que a interpretação é um dos métodos instrumentalizados pelo poder no universo do conhecimento.

Para uma teoria do conhecimento: apenas empiricamente:

Não há nem espírito, nem entendimento, nem pensar, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade: tudo ficções, que são inúteis. Não se trata de sujeito e de objeto, porém de uma determinada espécie de animal que só se desenvolve mediante um relativo grau de acerto, sobretudo mediante a regularidade de suas percepções (de maneira que possa capitalizar experiência).

O conhecimento opera como instrumento de poder. Então é evidente que ele cresce com cada a mais de poder.

(...) Em outros termos: a medida do querer conhecer depende da medida do crescimento da vontade de poder da espécie: uma espécie capta, captura e concebe um tanto de realidade para se tornar soberana dela, para tomá-la a seu serviço. (NIETZSCHE 2002, p. 79)

Como apontado por Nietzsche, o conhecimento é fruto da captura do acontecimento e da experiência por mecanismos de poder que intentam domá-los e tornar familiar a nós o

desconhecido. Esta será a mesma conclusão que podemos retirar do texto, *O estranho*, de Freud (1987c). No entanto, ao invés do que Nietzsche formula: acolher o desconhecido como desconhecido, ou ser crítico ao movimento da familiarização do desconhecido, Freud montará sua metapsicologia com o objetivo de tornar familiar ao conhecimento aquilo que lhe é estranho. Será justamente por este motivo que Deleuze, em *Psicanálise morta análise* (1998), o chamará de *Romano*, já que seu movimento teórico e clínico visa conquistar o território desconhecido até então do psiquismo humano, o domando, o domesticando, através de seus conceitos estáticos.

Esta crítica de Deleuze ao pensamento freudiano tem ressonâncias, em seu livro em parceria com Guattari, intitulado *Mil Platôs*. Em *1914 – um só ou vários lobos*, eles retomam esta crítica a Freud ao afirmarem que o Homem dos lobos “sabia que Freud tinha o talento de tangenciar a verdade, passando ao lado, para, depois, preencher o vazio com associações” (DELEUZE; GUATTARI 1995, p. 39).

Neste texto, eles mostram o caráter redutor da interpretação freudiana do inconsciente, no caso do Homem dos Lobos, por sempre retornar ao familiar e à unidade.

Reprova-se sempre a psicanálise por ter se servido da enunciação edipiana para levar o paciente a acreditar que ele ia produzir enunciados pessoais, individuais, que ele ia finalmente falar em seu nome. Ora, tudo é uma armadilha desde o início: nunca o Homem dos lobos poderá falar. Ele pode falar o que quiser dos lobos, gritar como um lobo, Freud nem escuta, olha seu cão e responde ‘é papai’. (DELEUZE; GUATTARI 1995, p. 51-52)

É a redução interpretativa das vicissitudes do inconsciente em nome do familiar, do Édipo, que é o objeto preponderante da crítica de Deleuze e Guattari.

Neste capítulo sobre o Homem dos lobos, eles mostram como Freud é um verdadeiro romano (como no outro texto supracitado), pois ele territorializa as multiplicidades inconscientes em um território fundado na idéia de unidade e na segurança do saber reduzido ao familiar. “Calar as pessoas, impedi-las de falar, e, sobretudo, quando elas falam, fazer de conta que não disseram nada: famosa neutralidade psicanalítica.” (DELEUZE; GUATTARI 1995, p. 52) Neutralidade que tem como objetivo capturar as multiplicidades nas teias interpretativas do complexo edipiano.

É interessante observarmos, deste modo, a tensão entre a experiência singular e a interpretação que a domestica. Chartier assinala bem esta tensão no seu livro supra-citado. Há uma tensão entre a ordem e a liberdade que pode ser apontada no universo dos livros e dos discursos.

As obras – mesmo as maiores, ou sobretudo, as maiores – não têm sentido estático, universal, fixo. Elas estão investidas de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção. (CHARTIER 1999, p. 9)

A interpretação corta as possibilidades de recepção. Toda interpretação é um corte na pluralidade. Isto não é mau nem bom, isto é de que a interpretação é feita. Interpretar é cortar o real, podar a grande gama de significações possíveis. O que não é nada bom é a valorização excessiva de um corte que assim impede que os vetores criativos no seio da linguagem atuem.

A interpretação passa então a apoiar uma postura arborescente do pensamento ao solapar as multiplicidades (a proliferação na produção do sentido), em nome de um corte no caos que atravessa o mundo das palavras. Ao invés de potencializar a produção de sentido, ela

cria preferências ou vias de facilitação interpretativas empobrecendo o encontro com a obra literária.

Como podemos pensar até o momento, a psicanálise e sua interpretação da literatura visa tornar familiar o desconhecido que habita a arte, solapando as produções criativas de sentido possíveis derivadas do encontro entre o leitor, o escritor e a obra.

Conclusão

Com este breve artigo, nos propusemos a apontar uma das vicissitudes da teoria psicanalítica em sua relação com a obra literária, destacando o papel da interpretação psicanalítica e seu caráter redutor. Gostaríamos de salientar que nem toda psicanálise da arte impulsiona uma tão despotencializadora interpretação da obra de arte. No entanto, com o caráter impositivo da interpretação psicanalítica, vemos comumente esta forma de agressão à obra, valorizando a pesquisa da profundidade, da biografia do autor para explicá-la.

Esta forma de explicação denigre a obra em nome de um saber, um saber que oblitera a capacidade da obra de nos afetar, nos emocionar, ou mais ainda, que nos faz esquecer a possibilidade dela transformar nossas vidas. A obra artística tem como característica principal esta: a de mudar nossas vidas, mesmo que por um ínfimo átomo quase imperceptível. E normalmente, a interpretação e suas incrustações subseqüentes vêm solapar esta possibilidade.

Então, poderíamos apontar a necessidade de ficarmos mais atentos à interpretação. Como apresentamos ao longo do presente texto, ela não é boa nem má, o problema se apresenta, quando ela se incrusta e quando ela impulsiona um uso hegemônico da obra.

Referências Bibliográficas

- CHARTIER, R. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.
- DELEUZE, G. *A lógica do sentido*. SP: Perspectiva, 2000.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. 1914 – um só ou vários lobos. Em: *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia (volume 1)*. RJ: Editora 34, pp.39-52, 1995.
- DELEUZE, G. & PARNET, C. Psicanálise morta análise. Em **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta Ltda, pp. 93 – 144, 1998.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. SP: Martins Fontes, 1997.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Lisboa, Portugal: Ed. Loyola, 1996.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. IV, V. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987a.
- _____. *Delírios e sonhos na "Gradiva" de Jensen*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. IX. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, pp.17-96, 1987b.
- _____. *O estranho*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, pp.275-314, 1987c.
- KUNDERA, M. *Les Testaments trahis*. France : Gallimard, 1993.
- NIETZSCHE, F. *Fragments finais*. Brasília: Ed. UnB, 2002.
- _____. *Fragments de espólio, julho de 1882 a inverno de 1883/1884*. Brasília: Ed. UnB, 2004.
- SARTRE, J.P. *Qu'est-ce que la littérature ?* France: Gallimard, 1948.
- SONTAG, S. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

Recebido em: 10/05/2008
Aprovado em: 18/06/2008